

COISIFICAÇÃO DO HUMANO: O TOTEM DA VIDA MODERNA.

Margaret Simas Ramos Marques

Psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise

Quando dei início à jornada para a escolha de uma temática para minha resenha, por questões econômicas – esta foi a palavra mais próxima que encontrei para definir o que experimentei – decidi realizar algo que vinha sonhando há algum tempo: escrever sobre a teoria da clínica da droga adição. Esse sonho nasceu durante minha prática com esses pacientes, que intensificou-se nos últimos sete anos. Foi quando selecionei três artigos, que haviam me causado inquietação. Um dos artigos foi um trabalho exposto por Alberto ABUCHAIM, *Drogas uma elaboração falsa da morte*, no XV Congresso Brasileiro de Psicanálise de Recife, em outubro de 1995.¹ O autor atem-se ao “funcionamento psíquico” do adicto em drogas, em especial do adolescente e o aspecto geral da compulsão à repetição, desenvolvendo uma teorização que aponta para uma tentativa de elaboração da angústia, que é em última instância “angústia com referência na morte biológica”. Afirma que a consciência que o ser humano apresenta de sua finitude e mortalidade, leva-o a busca de alívio pelo caminho da ilusão, negação, ou seja, de controle onipotente da morte. O outro artigo é de Marta CONTE, *Alguns tratamentos no campo das toxicomanias: uma violência à subjetividade*, um trabalho apresentado nas “Jornadas Clínicas – A clínica psicanalítica hoje: a subversão do significante”, em novembro de 1994.² A autora põe em cheque os tratamentos oferecidos a pacientes adictos em drogas, no Brasil em comparação a outros países. Descreve que alguns tratamentos estão “auto-engendrados” com a própria doença: as instituições e diversas formas de

¹ ABUCHAIM, A. Arq. Psiq. Psicot. Psicanal., 2:2, 47-51, 1995.

² CONTE, M. Boletim Novidades (Pulsional), 8(77), 1995.

tratamento fazem a manutenção da mesma, caracterizando-se “um conluio perverso” entre paciente e especialista. Enfatiza o fato de estabelecerem-se relações de “amo e escravo” nessa dupla. O terceiro artigo, e último, selecionado para minha resenha, é de Décio GURFINKEL, *Sujeito Quase: sobre o drogar-se e a escravização*.³ O autor define de forma ampla e esclarecedora aspectos abordados nos outros dois autores, empenhando-se em demonstrar “uma nova concepção teórica” do fenômeno das adições e toxicomanias. Tendo em vista uma preocupação relacionada a constituição ou não de uma verdadeira subjetivação, descreve, à partir da definição da coisificação do objeto, a interferência direta na capacitação do sujeito de estabelecer uma subjetividade e conseqüentemente relações objetais verdadeiras e saudáveis. Apoiado a teoria pulsional freudiana, infere a ocorrência de um colapso e uma dupla distorção do funcionamento pulsional, que resulta em uma fixação exarcebada a um objeto e a transformação do registro do desejo para o registro da necessidade. Freud postula como determinante da sexualidade humana, um desvio da busca de satisfação da necessidade (o campo do instintual) para a busca de satisfação do desejo (o campo da pulsão). A fixação a um objeto vai de encontro com o oposto a lei geral do funcionamento pulsional, isso é, a contingência do objeto. Gurfinkel, baseado na teoria de Winnicott, defende a idéia que o determinante do fenômeno da adição tem estreito vínculo com a separação prematura do bebê e da mãe, seja por ausência física ou emocional da última, concomitante a impossibilidade de elaboração desse luto pelo primeiro, resultando em um colapso. Conseqüentemente instala-se uma estruturação psíquica com a configuração de “objetos-coisa” e de “um sujeito quase”.

Outro viés a ser observado, que determinou a escolha do título para a presente resenha - *Coisificação do humano: o totem da vida moderna* - é o ponto de vista do autor, compartilhado por mim, que as adições, de forma geral, estão intrinsecamente relacionados a cultura atual. Objetos que tragam em si o segredo da felicidade são forjados pela cultura capitalista, estimulando um consumismo desenfreado à partir da alienação do sujeito. Esse consumismo deve ser pensado em paralelo às adições. O que proponho não é um reducionismo mas, uma reflexão, e que compartilhem da intensa inquietação que vem permeando o imaginário de escritores e cientistas de diversas linhas do conhecimento. O escritor Saramago, é citado neste mesmo artigo, por tornar explícito o que vem implícito no discurso iluminista e pós-iluminista: O controle da natureza humana, ou seja, a “coisificação do humano” como ideal de felicidade.

³ GURFINKEL, D. *Ide.*(31), 1998.

Decio GURFINKEL no artigo *Sujeito Quase: sobre o drogar-se e a escravidão*, convida-nos a uma reflexão à respeito da adicção às drogas, extrapolando “o âmbito comum” percorrido por diversos autores e ou psicanalistas, a partir da criação de novos conceitos e teorizações.

Inicialmente, descreve três linhas de pesquisa comuns em todas as literaturas na área da drogadição: a primeira : “... busca compreender o fenômeno da adicção no interior de uma psicopatologia psicanalítica; a segunda: ... concentra-se no paralelo entre toxicomania e o fenômeno da dependência; a terceira: ... evidentemente interligada com as anteriores, dedica-se a relação sujeito-objeto”.⁴

A primeira linha de pesquisa, Freud não se dedicou ao estudo. A segunda, tem como ponto de ancoragem a descrição a respeito do desamparo do bebê humano, feita por Freud, largamente estudada pela psicanálise pós-freudiana. Como maior expoente desses estudos encontramos Winnicott, autor que privilegiou como objeto de estudos a questão da dependência. A terceira linha, tem como embrião o estudo de Freud sobre o fetichismo, evidenciando-se a relação de escravidão na origem da palavra adicção.

Gurfinkel apoia-se na terceira linha e no trabalho de Winnicott para a articulação do que é principal em seu artigo: desenvolvimento de sua teorização sobre “o objeto-coisa” e “o objeto-quase”. Em seu ponto de vista, a teoria de Winnicott fornece subsídios fundamentais para compreensão do extravio da função do objeto para o toxicômano.

No desenvolvimento do artigo, ocorrem quatro subdivisões temáticas:

- .O objeto-coisa
- .O objeto-quase
- .O modelo do fetichismo
- .Do fetichismo ao objeto transicional

Irei desenvolver de forma sintética e sistematizada essas subdivisões e novos conceitos.

O objeto-coisa:

Esse tema apresenta em sua essência um engodo. A abordagem e compreensão do tema das drogadições, pode sofrer da mesma doença de seu objeto: a coisificação do sujeito. Um discurso que torna-se uma espécie de “instituição”.

⁴ *Ibidem*, pgs.44 e 45.

...”Isto que estou chamando de coisificação – e que pode ser aproximado ao fenômeno do fetichismo – caracteriza-se pela paulatina e silenciosa transformação de propriedades humanas e vivas em coisa morta, inanimada, o que implica em indiscriminação entre sujeito e objeto, e a substituição – muitas vezes nociva – de um pelo outro. A partir dessa metamorfose, surge uma visão de mundo – ideológica, mas claramente determinada por um complexo fenômeno de distorção, em geral imperceptível – que atribui qualidade humana as coisas e torna o homem um autômato, confundindo dois planos da realidade essencialmente heterogêneos”.⁵

Lembremos o que disse o poeta Arnaldo ANTUNES: as coisas tem forma, tamanho, peso, densidade, consistência, etc. mas, as coisas não tem paz.

...“Paz, ódio, amor, ou poder de destruir, não. O homem por sua vez vive mas não é imortal, e tem, sim, o poder de destruir e de fazê-lo a si mesmo, utilizando coisas como meios ou objetos”.⁶

Em sua teoria, descreve a ocorrência de uma dupla distorção do funcionamento pulsional do indivíduo: a fixação exacerbada a um objeto e a transformação do registro do desejo para o registro da necessidade.

Em minha experiência institucional, observei como os profissionais das mais diversas especialidades, acusam os toxicômanos de estarem causando graves transtornos a sua família, a sociedade, até a própria instituição e ao profissional, sem fazer sequer uma única entrevista com o paciente. Um verdadeiro massacre a individualidade desses sujeitos, sem levar em conta questões particulares que desencadearam tal adição. O paciente torna-se “o bode expiatório” perfeito, pois todos desejam projetar nele a sua própria adição. Desde “comedores compulsivos” a “internautas aditivos”, “viciados em trabalho”, “consumistas inveterados”, “sexualidades aditivas”, “fanáticos religiosos”, indivíduos detentores de personalidade aditiva, tecem discursos ideológicos e de falso moralismo, inclusive apoiados muitas vezes a moralidade religiosa cristã. O discurso em geral é que ele - o paciente - “a coisa que pifou”, “o problema”, precisa se adequar as necessidades de todos ali presentes: família, instituição, profissional, ou seja, aos representantes da sociedade. Caso contrário sua sentença é a exclusão.

⁵ *Ibidem*, pg.46.

⁶ *Ibidem*, pg.46.

Gurfinkel, recoloca adição em novo plano: onde a adição não sugere uma problemática exclusivamente psicopatológica, em seu cume, reside o viés cultural da sociedade contemporânea.

O objeto-quase:

Inspirado no título do livro de contos *Sujeito Quase*, do escritor contemporâneo José SARAMAGO, aborda a segunda temática. Em ênfase está o fato que nem tudo são objetos, há um limite para a objetificação do mundo. De forma alegórica, apoia-se ao conto “Coisas” - do livro citado – para clarificar os excessos da coisificação decorrentes da “miope” tentativa do homem moderno de domínio e controle da natureza humana.

O conto *Coisas*, revela uma visão crítica da sociedade contemporânea. Ocorrem estarem as coisas no lugar dos homens e como já pode-se imaginar... o homem no lugar das coisas. As coisas estão revoltosas. Apresentam febre, forjam defeitos de fabricação e até desaparecem misteriosamente. Os homens estão totalmente mecanizados, a ordem natural está dominada pôr obscuro mecanismo perfeito. Todos possuem uma letra grafada nas mãos, claro, para identificar sua procedência. Em fim, todos são convocados a manter vigilância contínua sobre os objetos. O último “brado delirante” é a proposta de destruir todas as coisas ... com as próprias coisas – armamentos de guerra.

No desfecho final, todas as coisas, transformam-se em homens e mulheres “nus”- livres de suas etiquetas, ou seja, as coisas voltam a seu estado anterior original.

...”Afinal, o que são as coisas? De onde elas vêm, quem as cria?”⁷

O conto termina com a voz de uma mulher, que restaurada por Eros, denuncia o engodo e anuncia uma nova perspectiva de êxito para o “ser” humano:

...” Não tínhamos outro remédio, quando as coisas éramos nós. Não voltarão os homens por os homens no lugar das coisas”.⁸

GURFINKEL interpreta o conto como uma visão crítica do autor em relação a coisificação do humano. Ocorre a recolocação do sujeito em cena, desmasca-

⁷ *Ibidem*, pg.48.

⁸ *Ibidem*, pg.48.

rando a falácia ideológica, acentuando a impossível auto-sustentação da saída fetichista. Na nudez, na sexualidade, no encontro entre os corpos... revela-se a força de Eros. A potência irrompe. Eros rompe com o sujeito escravizado, coisificado e submetido.

Quando ocorre espaço para o paciente toxicômano colocar-se, como ocorre em um trabalho analítico, minha observação é que em tempo médio ou até curto, o paciente mostra uma visível evolução no desenvolvimento da capacidade de simbolização. Como se retomasse um "fio" perdido ... o reencontro com o "elo" perdido.

O Modelo do Fetichismo:

Apoia-se no mesmo texto literário, como ponte para compreensão do enigma da toxicomania. Dimensiona o que está em jogo em todo fenômeno de adição. Em sua conceituação, este jogo é a coisificação do sujeito, ou seja, a inversão de lugares entre sujeito e objeto. Adverte que o modelo freudiano do fetichismo é bastante útil para compreensão do fenômeno da adição, porém não esgota-se neste. Devemos manter o foco ao tipo peculiar de relação com o objeto nessa patologia:

...“Uma distorção especial na sua conduta sexual que implica uma fixação a um objeto, ou seja, uma tendência que vai no sentido inverso da lei mais geral que rege o funcionamento pulsional, a saber, a da contingência do objeto para a satisfação. Juntamente com a fixação ocorre um deslocamento, já que o objeto-fetice tem sua origem em outro objeto da história psicosssexual do indivíduo, conexão que obviamente permanece inconsciente”.⁹

Qual seria a finalidade dessa operação?

...“Negar um aspecto da realidade que é intolerável, a castração, e assim buscar contornar todas as implicações psíquicas que lhe são correlatas”.¹⁰

Nesse modelo, verificamos uma verdadeira clivagem no eu, apresenta-se duas atitudes opostas: a realidade é ao mesmo tempo negada e reconhecida, destruída e reconstruída.

⁹ *Ibidem*, pg. 49.

¹⁰ FREUD, 1927.

Na toxicomania e nas adições em geral, observa-se a fixação exacerbada a um objeto. Esse é o objeto-totem da modernidade. Objeto que guarda em si o segredo da felicidade.

A constituição de tais objetos, pôr outro lado, não é exclusividade dos adictos. As ciências sociais, a filosofia e principalmente o pensamento marxista, apontam a relação direta entre o fenômeno do fetichismo e o sistema capitalista. Ocorre nessas outras ciências, uma conceituação do fenômeno do Fetichismo diverso ao da psicanálise. Um modelo, onde o fetiche não se refere ao significado psicanalítico - uma conduta sexual incluída nas perversões. Essa teorização tem como propósito um paralelismo entre o consumo desenfreado e a adição. Ocorre que ...”em ambos os casos está implícita a alienação do sujeito, mesmo que o significado de tal expressão difira nos dois campos. Que condições produzem tal alienação?”¹¹

Na alienação ocorre a ausência daquilo que é único e precioso na condição humana, não há verdadeiramente uma subjetividade.

Do fetichismo ao objeto transicional:

Para tratar do assunto da alienação, é introduzido o quarto e último subtítulo: do fetichismo ao objeto transicional.

Desenvolve sua teoria tendo como apoio um caso de Winnicott, o caso do menino do cordão - adendo ao artigo objetos transicionais em *O brincar e a realidade*.

O menino do cordão apresentava um distúrbio de comportamento: uma obsessão por cordões - fazia todos os tipos de amarrações, ao ponto de chegar a amarrar o pescoço da irmã e pendurar-se de ponta cabeça numa árvore. Na época que o menino consultou-se, estava com sete anos. O trabalho foi interrompido por impossibilidade circunstancial - morava em cidade distante. Na adolescência, a obsessão por cordões foi substituída pela sintomática da toxicomania.

O foco desta análise volta-se para a problemática da separação da mãe - a última, ausentou-se emocionalmente e fisicamente, por decorrência de episódios de depressão, em momentos fundamentais do desenvolvimento emocional do menino. A separação precoce era negada por meio do uso do cordão. Com a análise o sintoma dissolveu-se gradativamente. Orientada por Winnicott, a mãe passou a abordar o tema com o menino - sugerindo uma elaboração do luto pela separação da mãe.

¹¹ Gurfinkel, D. - IDE: (31), 1998, p. 50.

Winnicott em suas observações, descreve que a imagem mental da mãe permanece viva pôr um intervalo de tempo variável, *conforme o grau de maturidade da criança*. Após esse intervalo de tempo, a imagem esmaece, conseqüentemente, os fenômenos transicionais perdem o sentido. A imagem da mãe e dos substitutos transicionais desta, serão então desinvestidos. Antes disso porém, observa-se um “hiperinvestimento” ou seja um exagero no uso dos objetos transicionais, como tentativa de negação da ameaça do objeto tornar-se sem sentido.

WINNICOTT defende a idéia que ...”como negação, o cordão se torna uma coisa em si, algo que possui propriedades perigosas e necessidades que precisam ser dominadas.”¹²

Gurfinkel em diálogo com Winnicott, seu interlocutor interno, faz uma interpretação do uso exagerado do cordão, pelo menino. O cordão como técnica de comunicação, tem o significado simbólico de ligação. Por outro lado o uso exagerado, indica insegurança ou falta de comunicação.

Segundo Winnicott, é a experiência positiva na área dos fenômenos transicionais que dará o colorido, o caráter de realidade e o sentido para a relação do sujeito com o mundo. A relação com o objeto externo irá servir de base de sustentação para a área da ilusão. Quando essa experiência sofre ameaça de esmaecer, o “hiperinvestimento” tem como objetivo preservar o self do indivíduo. No estágio de dependência, não há sobrevida do sujeito sem a realidade do objeto. Forma-se uma “couraça defensiva” no instante da eminência do colapso. Assim, a queda no vazio do desinvestimento do self e do objeto será evitada.

O estudo do caso do menino do cordão tornou-se interessante - do ponto de vista de Winnicott – pelo fato de poder-se observar o desenvolvimento de uma perversão.

Para Gurfinkel, esse estudo de caso aponta para algo que diz respeito ao fenômeno da adição:

...”o uso exacerbado do objeto como estratégia defensiva, como negação de perda do objeto, e sobretudo, como defesa contra a perda do sentido do estar no mundo, parece coadunar-se bem com as adições.”¹³

O artigo de Gurfinkel, tem como proposta a reflexão a respeito de uma

¹² *Ibidem*, pg. 51 - cita Winnicott em O Brincar e a realidade.

¹³ *Ibidem*, pg. 51 e 52.

modelo além da questão do fetichismo e da toxicomania, como um modelo que aponta para uma “doença fundamental da relação do sujeito com a realidade” – a patologia na área dos fenômenos transicionais – conduzindo ao uso fetichizado dos objetos:

...”à inversão potencial entre sujeito e objeto, tornando-se o primeiro um sujeito-quase, semimorto ou semivivo, escravo de um objeto metamorfoseado em coisa, portadora esta de atributos que seriam próprios do homem.”¹⁴

A leitura que faz do conto, põe em cheque a questão da estratégia bélica : destruir todas as coisas. Na verdade a “erupção de Eros” é a solução adequada: o processo de alienação e de fetichização tem fim com o movimento de reconstrução – à partir de Eros. É necessário o *insight*, o não ao ato delirante de destruição dos objetos que tornaram-se coisas. Não a estratégia bélica, de destruir a subjetividade à partir da alienação do sujeito com sistematizações ideológicas¹⁵, tão difundidas na área dos tratamentos das toxicomanias.

...”o *insight* sobre a natureza do processo de fetichização, é pela própria impossibilidade de sustentação da coisificação do sujeito ... talvez o analista deveria juntar-se àquela mulher que dizia que era preciso reconstruir tudo: - não voltarão os homens a ser postos no lugar das coisas.”¹⁶

O processo psicanalítico pode ajudar o desprendimento da fascinação pelo objeto-droga e o voltar ao sujeito pulsional. Um trabalho de construção e reconstrução, o primeiro, tendendo a ter uma maior ênfase, onde o analista deve se oferecer como objeto, viabilizando que surja o novo “o por vir” e o criativo “o devir” – parafraseando o filósofo.

¹⁴ *Ibidem*, pg. 52.

¹⁵ Como o trabalho do NA (Narcóticos Anônimo): “Os Doze Passos”, ou dogmatizações de Casas de Recuperação Evangélicas.

¹⁶ *Ibidem*, pg. 53.